

CADEIRA N.º 33

Patrono: Rodolfo Teófilo

Vaga: Falecimento de João Perboyre e Silva

Recipiêndo: Artur Eduardo Benevides

Recipiendário: Otacílio Colares

Data da posse: 10 de janeiro de 1966

OTACILIO DOS SANTOS COLARES. Nascido em Fortaleza, no dia 19 de setembro de 1918. Filho de Francisco Otônio Colares e Isabel dos Santos Colares. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, turma de 1941. O radialismo e o jornalismo foram as suas grandes carreiras, no Ceará, no Pará, no Amazonas, no Maranhão, no Rio Grande do Norte, em Alagoas, em Pernambuco e no Rio de Janeiro. Professor da Universidade Federal do Ceará, ensinando Literatura Brasileira no Curso de Letras do Departamento de Línguas Vernáculas e História da Literatura, no Curso de Biblioteconomia e Documentação da mesma Universidade. Pertence ao Conselho Estadual de Cultura. Cronista e poeta. Publicou: *Os Hospedes* (parceria, 1946); *Poesias* (1947); *O Jogral Impenitente* (1965); *Os Saltadores de Abismos* (1967); *Trinta Poemas para Ajudar* (parceria, 1968); *Três Tempos de Poesia* (1974); *Lembrados e Esquecidos* (1975).

Artur Eduardo Benevides

Permiti que vos diga, antes de mais nada, o quanto me desvanece saudar-vos nesta solenidade, quando transpodes os umbrais da Casa de Thomaz Pompeu para ingressar, lido, na Ilustre Companhia.

Devo confessar-vos que recebi como um prêmio a incumbência de ser o intérprete da Academia, pois o saudar-vos constituiria motivo de honra e alegria para qualquer dos vossos companheiros de geração. No meu caso, mais que de geração, de grupo literário, pois estamos juntos há mais de vinte anos, irmanados pelo mesmo espírito poético e pelos mesmos ideais estéticos.

Lembra-me o vosso amanhecer de poeta, quando trazíeis os bolsos cheios de poemas para que os lêssemos, sob a luz mortíça das águas-furtadas onde se reuniam artistas de vanguarda, ou nos velhos cafés da Praça do Ferreira, que sempre amastes, transformando-a em versos. Tinheis, naqueles como nestes tempos, os olhos cheios de sonhos e as flâmulas da esperança dançavam em vossa alma de andarilho, conduzindo-vos ao êxtase lírico e ao amor. Cantastes ao longo dos caminhos e entrais nesta Casa cantando. Como Poeta vos recebemos e festejamos nesta hora.

Jamais vos desviastes do vosso itinerário lírico. Fostes, em todos os momentos, uma voz a serviço da Poesia, gravando no verso a memória das cousas e dos seres. O Canto é a atividade principal de vossa vida, que todo o resto é secundário. Poeta, sempre Poeta, eis o vosso destino, a razão mesma do vosso existir, o objetivo maior de vossa alma.

Homem culto, cordial e fraterno, fixais no poema o que de imaterial e puro se encontra no mundo, mas também não vos furtais ao espetáculo da vida, que procurais traduzir através de versos realmente belos. O anjo da Poesia nunca vos viu de costas. A cada hora de vossa vida estáveis de frente, esperando-o, exortando-o, amando-o. E cultuastes os valores eternos, com o vosso espírito romântico e fiel.

Pastor do essencial, não desprezastes nunca o contingente. Contemporâneo de Orfeu, universalizastes o Canto com os temas eternos, que transfiguram, no verso, a realidade exterior e a interior do homem. Mas também manipulastes os elementos do cotidiano, e até do pinturesco, sem resvalar jamais para o vulgar. Mantivestes, em todos os instantes, diante da Poesia, a postura dos místicos, a atitude dos que adoram, o gesto dos que amam. Nunca perdestes a dignidade de poeta. Fostes fiel à espiritualidade dos seres e das cousas, vendo em tudo um pouco da grandeza de Deus.

A Poesia não foi para vós, em nenhum momento, um *divertissement*, um exercício meramente formal, um virtuosismo sem alma, um jogo de palavras, tão próximo da contrafação ou da mistificação. Não podia ser assim, no vosso caso,

pois trazíeis no espírito uma tradição que se formara ao longo dos séculos, desde os bardos, aedos e rapsodos, dos trovadores, segréis e jograis, aos poetas às vezes obscuros e heréticos dos nossos tempos. O vosso encontro com o mistério poético foi, antes de tudo, o encontro do receptáculo com a essência. Celebrastes a Poesia. Marchastes para ela como os sacerdotes para os sagrados compromissos. E vos deixastes dominar por aquele intenso lirismo que purifica a expressão do verso.

Por isso mesmo, na vossa estética literária, combinastes um pouco de moderno com o clássico. E esse sincretismo, longe de oferecer resultado contrastante, produziu uma poesia de alto valor simbólico, com imagística nobre e linguagem rica. E vos consagrastes ao soneto, forma delicada e gentil, síntese de poesia, na qual se exercitaram, desde a Idade Média, os mais autênticos poetas. Perfilhastes também outros metros tradicionais, além de vos realizardes um pouco dentro da plena liberdade da poética moderna, mas foi no soneto que melhor vos encontrastes. E vos tornastes não apenas um cultor dos catorze versos, mas vos transformastes num mestre, que lhe conhece os segredos de fundo e de forma.

Integrante das correntes modernas, no campo da arte e da literatura, mantivestes sempre, nas vossas composições e atitudes estéticas, uma disciplina acadêmica, não importando isso em fuga ao espírito da época. O vosso modernismo não impediu nunca que sustentásseis, nas vossas andanças, uma política de *good neighbourhood* com as gerontocracias literárias. O passado e o moderno, o novo e o antigo, o tradicional e o revolucionário foram sempre dosados magistralmente na vossa obra, pois sempre procurastes, em tudo, o que havia de autêntico, de belo e de puro. O resto era apenas uma questão de palavras e conceitos.

Vossa formação poética foi clássica, num amplo sentido cultural. Vossas fontes mais longínquas se acham em Camões, que recriou o soneto petrarquiano e ofereceu ao mundo peças líricas de imperecível beleza. De lá, caminhastes naquele território lírico de que nos fala Aurélio Buarque de Ho-

landa, lendo os maiores sonetistas de Portugal e do Brasil, dentre os quais José Maria Barbosa du Bocage, até que adquiristes a vossa própria expressão verbal, o vosso estilo, a vossa personalidade literária, conquistando os aplausos da crítica.

A técnica do verso vos é familiar. Um verso talvez escultural, que poderia ser confundido com parnasiano. Mas as imagens são neo-românticas, traíndo o vosso ardor latino, sobretudo no maior de todos os temas: o amor. Tendes uma linguagem altamente expressiva para a tradução dos sentimentos. E os versos saem belos e suaves, delicados e ternos, como um Canto que ficasse a flutuar nas estradas da vida.

Não exageraria, eu que também os faço, se vos considerasse autor dos melhores sonetos de amor já escritos em Fortaleza. Levais a palma a quantos se dedicam aqui a tal mister. Tendes a perfeição métrica, ao lado da inspiração plástica. E atingis resultados admiráveis, enfileirando-vos entre os grandes poetas brasileiros que se entregam a tão bela forma.

Ainda agora, no vosso livro *O Jogral Impenitente*, demonstrastes largamente o de quanto sois capaz nesse campo poético, que tem sido o martírio de muitos e a glória de tantos. Vosso estro nos conduz à tradição temática luso-brasileira, em versos límpidos e claros, ricos e sugestivos, cheios daquela secreta beleza que anima a poesia lírica. Mais uma vez, são os sonetos as composições que mais agradam na vossa obra, tal a pureza de imagens e a continência verbal com que são escritos.

O que fizestes até aqui pela Poesia revela, à larga, a fidelidade que tendes ao vosso destino. Vossa mensagem poética, inteiramente liberta de compromissos ideológicos ou políticos, é uma mensagem de legítima significação criadora, que nos mostra a face de um poeta em plena realização de sua arte, preocupado tão-somente em tecer o seu Canto, em elevar a sua voz para embalar, com os sortilégios líricos, os corações cansados do vazio e da noite.

Realmente, quem vos lê sente-se impregnado de espiritualidade, pela chama romântica que se evola do ritmo interior. Essa, aliás, é a missão de todo poeta, de Homero a

Dante, de Camões e Rilke, de Fernando Pessoa a T. S. Eliot. Essa capacidade de ver por dentro e além das cousas e de no-las decifrar pelo milagre do Canto, mantendo ainda o seu mistério e o seu segredo, só os poetas a têm. E sois um deles, conhecendo, como poucos, o ofício de cantar.

Vossa poesia é triste. Há um *tonus* elegíaco em todas as páginas, mesmo quando o amor enflora o verso e o torna cheio de fulgor. Uma longa mágoa rola, porém, incessantemente, na vossa mensagem, como um *background* intraduzível, levemente percebido. Vós mesmo revelastes, em inúmeros sonetos, que ser triste era uma condição mesma do Canto. Tome-se, para exemplo, o soneto “Helenismo”, de 1947, em cujo quarteto inicial confessais:

*Da Grécia antiga emoldurei meu sonho
De amor — razão de ser de minha vida
E anos vivi nesta ânsia mal contida,
Infeliz sempre e sempre bem tristonho.*

Depois, quando o amor fecunda a vossa alma e vos dá a ilusão de clara primavera, a tal ponto que ainda hoje o cantais com o mesmo ardor, vossa poesia fica mais clara, pois vosso olhar deitou âncoras no eterno.

*Alguém desviou o roteiro da vida.
Terá sido o amor que o desviou?*

É uma pergunta que fizestes num poema, há vinte anos. E vós mesmo sois a resposta, pois vos tornastes o seresteiro da vossa Bem-Amada, entoando a incessante balada do jogral impenitente.

Mas, não me posso furtar à tentação de transcrever aqui um dos vossos melhores sonetos de amor, um daqueles em que, além do tema, revelais pela linguagem a vossa filiação camoniana e bocagiana. É o “Soneto de amor e orgulho”:

*Se agora cá me tendes tão cuidadoso,
Senhora, é que me sois o bem amado
E eu sei de mim que sou mais venturoso
Do que jamais o houvera desejado.*

*Que ninguém não me estranhe se orgulhoso,
Vou vivendo esta vida sem enfado,
Que não condena o amor ao venturoso
Que acaso soube haver o seu agrado.*

*Se consegui de vós o amor que tenho,
Que a alguém não pese o meu sorrir, Senhora;
Se o conquistei foi muito suspirando.*

*E não foi de tão fácil desempenho
O drama que hei vivido, antes que agora
Leve esta vida em que me vou cantando.*

É um soneto que poderia ser assinado por qualquer grande poeta do Brasil: estrutura firme, técnica segura, leveza de expressão, alma romântica. Tudo isso mostrando a face de um poeta que faz do amor o *leitmotiv* de sua obra.

O tema, aliás, é de uma permanência marcante em toda a vossa mensagem poética. Ainda agora, no vosso último livro, trazeis um soneto que se inicia assim:

*Amor, desperta. . . Há um luar, lá fora,
por tal forma tranqüilo e derramado
que é crime adormecer assim, agora,
podendo estar-se a dois inda acordado.*

São versos puramente românticos, até na alusão ao luar que brilha lá fora e no convite para amar na solidão da noite. E o amor que brilha nos vossos versos é alto, nobre e puro, sem visões ou sugestões sensuais. Um amor de plenitude imensa, que enche a vossa vida e ilumina a vossa estrada, que vos faz cantar e ser feliz sonhando. Um amor intenso, raro,

que se renova em si mesmo como o ritmo da vida, ampliando as dimensões do ser. Um amor de poeta, um amor que não cansa, que é temor e glória do espírito.

E porque vos sabemos assim, é com honra e júbilo que vos recebemos em nosso convívio, na certeza de que teremos o privilégio de vos ouvir muitas vezes, ao longo da jornada que nos espera. E só essa convicção já constitui um prêmio para todos nós, que vemos na Poesia uma luz capaz de clarear os caminhos e engrandecer ainda mais o sentido da vida.

Por tudo isso, a Academia vos saúda. Há muito vos esperávamos. E a Casa, que já é vossa, abre-se em festas para vos acolher.